

Juventude e Identidade:
Um Estudo Sobre a Construção Histórica de Pertencimento em Jovens

LÔBO, Karla Rossana Gomes. K. R. G. LÔBO. Mestranda do PRODER- Universidade
Federal do Ceará-Cariri.

NASCIMENTO, Verônica Salgueiro do, V. S. NASCIMENTO. Universidade Federal
do Ceará

RESUMO

O presente trabalho propõe pensar sobre a juventude contemporânea como uma etapa da vida marcada pelas implicações dos estigmas e das ambiguidades relacionadas ao ser jovem, observados historicamente nas relações sociais brasileiras. Esta realidade interfere na percepção dos próprios jovens sobre o que é juventude. Neste sentido, objetivou-se compreender a relação entre a história e a construção da identidade dos jovens, a saber, do pertencimento sobre a juventude contextualizada e implicada em suas identificações, potencialidades, limitações e práticas participativas sobre sua condição de ser jovem. Optou-se então, pela realização de levantamento bibliográfico em referências sobre juventude, como também nos bancos de dados da CAPES, SCIELO, UNICEF, DATASUS, pesquisado no período de maio a outubro de 2011. Constatou-se que o atual modelo de sociedade se encontra insustentável por constituir-se sob bases excludentes, numa visão de mundo utilitarista, inclusive, as políticas públicas especialmente voltadas para a juventude, apresentam-se frágeis e insipientes, embora se possa observar o potencial da juventude, que escasseiam de meios necessários para a transformação da realidade atual. Além da tomada de consciência por parte dos jovens enquanto atores sociais, é possível proporcioná-los uma geração de cidadãos com o sentimento de respeito à diversidade, solidariedade, justiça social e inclusão socioeconômica e política, intervindo na solução dos problemas sociais, na perspectiva de reconhecer-se pertencente e fazedor de sua própria história.

Palavras-chaves: juventude, identidade e história.

Resumen que este trabajo se propone pensar en la juventud contemporánea como una etapa de vida marcada por las consecuencias de los estigmas y ambigüedades relacionados con ser joven, brasileñas relaciones sociales históricamente observadas. Esto interfiere con la percepción de los propios jóvenes sobre lo que es la juventud. En este sentido, el objetivo de comprender la relación entre la historia y la construcción de la identidad de los jóvenes, es decir, de pertenencia a la juventud contextualizados e implicado en sus identificadores, capacidades, limitaciones y prácticas participativas sobre su condición de ser joven. Eligió-si así, las referencias bibliográficas sobre la juventud, pero también en bases de datos de la CAPES, SCIELO, UNICEF DATASUS, buscaron en el período de mayo a octubre de 2011. Se observó que el actual modelo de sociedad es insostenible por constituir bajo un utilitario de cosmovisión bases exclusivas, incluyendo políticas públicas especialmente orientados hacia la juventud, frágil e infravalorado, aunque uno puede observar el potencial de la juventud, escasos medios para la transformación de la realidad actual. Además de la toma de conciencia por parte de los jóvenes como actores sociales, es posible darles una generación de ciudadanos con el sentido de respeto a la diversidad, solidaridad, justicia social y la inclusión social, política e intervino en la solución de problemas sociales, con miras a reconocer en y hacedor de su propia historia.

Palabras clave: jóvenes, identidad e historia.

O Ser jovem: uma Introdução

Juventude é uma das palavras-chave desse século, inclusive, por todas as ambigüedades que normativamente essa etapa da vida trás no bojo das vivências. Estigmas relacionados aos jovens são ainda fortemente observados nos espaços sociais em todas as regiões do Brasil. Mesmo com as contribuições e reflexões contextualizadas e pesquisadas, assim como a teoria psicossocial de Erikson referida por Contini e Koller (2002), como uma etapa equivocadamente aludida por muitos que não compreendem que a confusão de papéis e a busca da identidade nesta fase é típico e necessário para a

integração da estrutura do indivíduo social, no estabelecimento de uma identidade própria, onde as vivências e estimulações nessa etapa se apresentam prioritárias nos espaços de desenvolvimento moral e cultural da e na juventude onde quer que ela esteja.

Para além das reflexões sobre juventude, identificar esse lugar do jovem, além de remeter para um corpo físico, psicológico, remeter também a uma corpagem geográfica e territorial, faz-se imprescindível. Olhar para a realidade da juventude numa perspectiva endógena revela práticas e expressões do desenvolvimento humano, possibilitando, num futuro, o reconhecimento das potencialidades no território frente às experiências do cotidiano comunitário e respectivas intervenções pelos jovens que perfilham as peculiaridades e sentimento de pertencimento ao seu lugar, conjetura as reflexões para um acionar, a saber, desta relação com sua própria identificação.

É neste sentido que principalmente nos dois últimos séculos, filósofos, psicólogos e outros teóricos, divergem sobre as características normativas dessa fase, em especial, da compreensão do que seria juventude nos nossos dias, para além de um conceito. As compreensões sobre os conflitos no assumir dos papéis e a busca da identidade pelos jovens, necessárias para a integração da estrutura do indivíduo social frente ao estabelecimento de uma identidade principalmente sobre o coletivo, confronta-se com a percepção de si, inclusive, sobre suas respectivas respostas comportamentais em seu território diante das relações e do mundo adulto confuso e mutante.

O Conceito de Juventude: Inacabada Construção

Quando se quer saber a respeito da abrangência real do fenômeno/objeto ou sujeito, importante se faz abarcar de forma ampla todos os seus aspectos no dar conta de sua definição, mas reduz ao pressuposto científico do dado estudado para um conceito. É neste sentido que Luiz Carlos Gil Esteves e Miriam Abramovay, com base em dados da pesquisa "Juventude, juventudes: o que une e o que separa", realizada pela Unesco, em 2004, incorpora a faixa etária de 25 a 29 anos nos estudos sobre as juventudes. O artigo contrapõe as visões as quais os jovens são vistos socialmente, inclusive a percepção dos próprios sobre si mesmos se otimistas ou pessimistas diante da vida e de sua condição juvenil como estar na moda ou preocupações estéticas, mas para além disso, o envolvimento das implicações éticas desta juventude.

Mas antes, falar sobre juventude, remete-nos pensar infância, adolescência e sentimento de família. Nem sempre se reconheceu que características peculiares singularizava os ciclos de desenvolvimento humano, como recentemente, o ciclo com a nomenclatura de juventude.

Com a revolução de sensibilização de Rousseau frente à desconsideração da criança como `adulto em miniatura`, a infância passa a ser legitimada, observada e cuidada como nunca antes. Em princípio, a criança era relegada aquela que levaria o sobrenome da família e respectivos bens e posses. O sentimento de família passar a ser vivenciado quando dos cuidados com a saúde dos primogênitos e depois dos outros filhos pelos adultos que temiam as enfermidades ou mortes, inclusive porque não poderiam assim tocar os negócios familiares. As amas de leite deixam de ser mais solicitadas e a educação passa a ser privilegiada. Para Ariès (1978), com o sentimento de família e posterior sentimento de infância do século XIX, fez-se ponte para a construção da adolescência como uma etapa singular, diferenciada dos outros ciclos.

Na culminância de transformações humanas provocadas pela Revolução Industrial, as crianças são proibidas de trabalhar e a educação passa a ser obrigatória compartilhada com as responsabilizações do Estado. Como nesta época as ciências contemplam o pensar mais centrado no homem – progresso sobre avanços do pensar e compreender o mesmo -, a exemplo da ciência psicológica que pesquisa, intervém e diferencia etapas de desenvolvimento pela descrição maturacional e comportamental, também elege a adolescência com status de etapa normativa destes sujeitos. Outras ciências da saúde ou jurídicas, estabelece também pressupostos para infância e adolescência em faixas etárias específicas, ratificando as diferenças e especificidades de cada idade e respectivas atenções para cada fase e ciclo humano.

Considerando percepções do senso comum sobre o que é ser criança pouco consenso se revela, pois para muitos infância não é mais sinônimo de vida feliz, simples ou como o `melhor momento da vida`. Influenciados por informações que correm nos meios de comunicação de mídia e acessos aos conhecimentos científicos de forma geral, a complexidade deste ciclo já se é reconhecida, no entanto, não menos confusa no lidar e no saber sobre estes sujeitos na infância. Para a percepção do que é ser adolescente não se foge à representações similares, já que termos como “aborrescência” são repensadas quando se é feita reflexões a respeito dos por quês e possíveis respostas comportamentais não míticas dos sujeitos que se encontram neste ciclo.

É neste sentido que se faz necessário compreender também o mundo adulto que este onde os sujeitos crianças e adolescentes habitam. As crises, múltiplas urgências e confusões tão vivenciais para os ocidentais, em tempos de consumo exacerbado, valores financistas e relações falidas. Para Calligaris (2000, p.9)

Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. Um mito, inventado no começo do século 20, que vingou, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial. (p.9)

Antes de prosseguir na linha do tempo da construção e respectiva compreensão do fator histórico neste contexto, importante aqui diferenciar adolescência de juventude, muitas vezes, por alguns autores, postas como sinônimas. A adolescência volta-se as especificações maturacionais biofisiológicas mais especificamente das mudanças comportamentais vinculadas a puberdade, já a juventude, fala mais das vivências sociais e constitucionais finais para identidade e assumir de papéis na transição para a adultez.

Coimbra (2005), compreende o processo desenvolvimentista como obrigatório, ligado a construção da auto-imagem, com características típicas desta etapa como posicionamento sobre sua sexualidade ou como observado nos comuns conflitos familiares nas buscas sobre independência, ao que Coimbra afirma ser um conjunto de atributos “psicologizantes e biologizantes”. Já pensar juventude nos remete a características que vão sendo constituídas muito mais por relações sociais e relações todas sobre as dimensões e aspectos de diferenciações psicossociais, buscas sobre o que se quer ser na constituição identitária, vínculos, atitude, valores, rebelados e posicionamentos políticos de toda uma ordem, extremamente vivenciais e não somente de experimentações sensoriais.

Segundo Sousa (2006) o jovem passa a construir sua visão de mundo, olhar ao seu redor, percebe-se parte de um mundo, de uma sociedade, pensa suas definições diante dos papéis e assuntos gerais como violência, mercado de trabalho, enfim, e articula com sua própria vida. Aqui, o senso de coletividade pode ser vivenciado, mas logicamente diretamente proporcional ao que o mesmo jovem vivenciou em etapas

anteriores com os estímulos do contextualizado num dado histórico, e isso não a homogeniza-a, mas mantém-se num 'contato original' com a herança social e cultural.

Compreendendo melhor estas diferenciações da adolescência que é representada pelo conjunto de mudanças fisiológicas da puberdade para a maturação sexual, na transição das características infantis para a adultez, é fato que os pensamentos e conhecimentos construídos historicamente, retratam o momento social da época que por sua vez influencia cada sociedade a compreender o jovem do seu tempo. Segundo Ariès (1978), quando se fala de adolescência o sujeito adolescente é fruto da modernidade (século XX). Já Santos (1996 apud ESTEVES e ABRAMOVAY, 2004) e Levi; Schmidt (1996 apud ESTEVES e ABRAMOVAY, 2004)), discordam pois acreditam que estas etapas cronologicamente sempre existiram nas sociedades, porém não eram conscientemente concretas na vivência social. Para os autores, não é possível padronizar adolescência em todos os tempos, sendo necessário saber a partir de uma antropologia destas diversas sociedades, segundo a observância da ordem, identificações e sentido. Mais ainda quando do pensar juventude, que inaugura na verdade, para os autores, uma tendência do século XX do investimento nos jovens para a formação profissional, foi fortemente marcada pelo tecnicismo no aperfeiçoamento profissional visando o mercado de trabalho, estimulando nossa sociedade para um dos sentidos de juventude.

Em nível sistemático para que este ciclo fosse estudado e compreendido em nível global e regional, a faixa etária de 15 aos 29 anos foi sugerida pela UNESCO (2004) pela característica da transitoriedade, do início da adolescência propriamente dita a adultez. Outro dado contemporâneo, estimulado pela sociedade moderna, além do tempo estendido de escolarização e formação profissional, o contexto de crises e inquietações sociais, soma a juventude vivências intensas e respectiva representação em seu comportamento deste discurso. Estas características modernas, marcam nesta linha do tempo o somatório das ideologias do movimento hippie, da década de 60, dos anos 70 principalmente no Brasil, fortemente influenciado pela ditadura, até os anos 80 uma revisão para as políticas de cuidados para os jovens. Por isso Abramo (1994 apud ESTEVES e ABRAMOVAY, 2004) faz a seguinte observação:

O movimento estudantil perde expressividade e começa a ganhar visibilidade. Surge uma grande variedade de figuras juvenis cuja identidade se expressa, principalmente, através de sinais impressos sobre sua imagem e pelo consumo de determinados bens culturais oferecidos pelo mercado (p.55)

Pensando neste contexto das revoluções, inclusive a Revolução Francesa - onde a sociedade se rendia a padrões estéticos identificados com a velhice -, modifica-se na lógica de produção capitalista onde o enaltecimento da novidade como sinônimo de felicidade agora a idade jovem é valorizada. Kehl (2004 apud ESTEVES e ABRAMOVAY, 2004)) comenta que só recentemente a juventude passa a ter este valor, quando a mocidade era um fardo, hoje e desejar ser tão logo adulto no estabelecimento de uma relação de respeito e seriedade. Esta percepção mudou. A de se considerar para estas respostas as variáveis socioeconômicas, assim como das liberdades conquistadas às contraditórias limitações da organização social causando tensões causando vulnerabilidade às violências e drogas.

É comum leigos falarem dos jovens como desordeiros e rebeldes ou outros alienados e distantes na vida social. Refletindo, em tempos de grande confusão sobre a existência humana sobre si mesma, sua relação com o mundo, sem ordem de sentidos, faz-se exemplo para a juventude a reflexão: será que para os jovens que parecem alheios a realidade não seria uma resistência de viver num tempo neoliberal excludente, adoecido em suas relações, com a ênfase no consumo e nas coisas e não nas pessoas? Quem mesmo está desordenado, desorientado, sem sentido? Mais uma vez revela-se a juventude como espelho ou registro sintomático do seu tempo sociocultural, econômico e político. Para entender o jovem, deve-se ler então nas entrelinhas da ordem contemporânea. É neste sentido que percebe que modelos estereotipados para o consumo tencionam os jovens sobre suas condições sociais por isso a exposição e vulnerabilidade.

Calligaris (2000) concorda que o modelo neoliberal elege o consumo como ideal de vida influenciando valores e estilos, que na verdade representa o mundo adulto mais que dos jovens e ao mesmo tempo, ser jovem é melhor que envelhecer, então os jovens vivem o mundo adulto e os adultos querem permanecer jovens sob uma proposta irrealista.

É neste sentido que autores trazem a urgência das vivências e retornos as subjetividades, na permissão as heterogeneidades, multiplicidades, diversidades e porque não juventudes, reconhecendo-os em seus desejos, movimentos de forma singular, pertencentes a um grupo cultural, com história e sonhos.

Esta demanda de revisão para a percepção do jovem, torna a discussão mais rica quando o mesmo é questionado sobre sua própria percepção, como ele si ver sendo

construído e construtor do seu caminho pelo mundo “despatologizando”, permitindo ao jovem a busca de ser por si mesmo, somente assim, só ele mesmo que é o melhor a saber de si, dirá de como será para o mundo, como produzirá se relacionará, vivenciando conscientemente os achados das buscas particulares.

Neste sentido, estas ambigüidades na construção da percepção tanto caracteriza os grupos homogêneos como os heterogêneos. Mas para congresso juventude

É uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção esta na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, referências múltiplas, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. Por essa linha, torna-se cada vez mais corriqueiro o emprego do termo “juventudes”, no plural, no sentido não de se dar conta de todas as especificidades, mas sim de apontar a enorme gama de possibilidades presente nessa categoria (Pais 1993, apud ESTEVES e ABRAMOVAY, 2004 , p. 4).

Esta constituição de juventude e respectiva articulação com a dinâmica social, pode prover transformações na ordem social, sobre inclusive, a quebra de paradigmas numa condição epistemológica sobre as percepções do jovem sobre si mesmo e o mundo. O reconhecimento destes jovens como sujeitos de direitos assim como já havia acontecido com as crianças, aconteceram mesmo depois dos interstícios da ditadura militar brasileira, como o Estatuto da Criança e do Adolescente e atualmente das discussões voltam-se para o Estatuto da Juventude. Mas será que o jovem de hoje é o mesmo que enfrentava a ditadura? Ou que forças formativas revelam estas quebras paradigmáticas?

O Tempo do Mundo: é o Tempo e o Território do Jovem?

Até pouco o termo juventude não era utilizado como anteriormente comentado, nem mesmo reconhecido. Adolescência foi adotada como etapa do ciclo vital humano somente depois da consideração da infância como também etapa peculiar do desenvolvimento humano, quando o sentimento de família passou a ser desenvolvido não apenas porque os sujeitos que nasciam nas famílias herdariam seus respectivos bens

ou levariam gerações afora o sobrenome destas. Assim, as famílias inauguram o século passado envoltos aos cuidados familiares.

Porém, a construção destas categorias nestes dois séculos, tem sido misturadas, complementada pela condição de mundo vigente, sobre as fortes influências tecnológicas, exaustão dos recursos naturais e sintomáticas relações humanas. Neste sentido, os jovens têm sido alvo de polêmicas, notícias em mídia. Mas “a pergunta roda e a cabeça agita”: ‘e a vida, o que é diga lá meu irmão?’ Como nos perguntaria Gonzaguinha, principalmente para os próprios adultos. Contini e Koller (2002) citam Alves (1997) afirmando que os jovens

Reproduzem os papéis sociais dos adultos, apesar de considerarem o mundo adulto muito distante deles e não os utilizarem como modelo” (p.19), os jovens na atualidade “são pouco politizados e estão alienados das questões sociais” (p.19), os que “valorizam o estudo é como forma de ascensão, mas não gostam de estudar” (p.19) e estudar garantiria um trabalho que consequentemente traria essa ascensão. Essa geração não teria uma “ideologia do esforço pessoal” (p. 19).

Já Segundo Esteves e Abramovay (2004) vive-se um tempo de crises generalizado:

Descrença no presente, desesperança no futuro e, em decorrência desse quadro, o surgimento e a permanência de um sentimento nostálgico de revalorização do tempo passado, compondo um cenário cujo elemento mais constante seria, explícita ou implicitamente, o pessimismo (p.3).

Em *O pensamento em um mundo Terceiro mundo*, Cristóvan Buarque (*apud* BURSTYN, 1993, p. 53) comenta que mais que os indicadores de um país de terceiro mundo, vivemos num mundo de desigualdades, e os jovens sobrevivem na exigência urgente de valores éticos, já que sem as liberdades individuais a realidade exige uma nova condição de existir. Essa nova geração para o autor deve então exigir cidadãos atuando na solução dos problemas sociais, no respeito às especificidades culturais.

Nos vários posicionamentos os autores parecem contradizer entre si, mas na verdade se complementam. Questionemos mais uma vez o que é ser jovem hoje e viver a juventude hoje, então. Muitas coisas, não apenas em nível mundial não são quistas de serem vivenciadas, em especiais, nos lugares sociais ao quais as pessoas convivem. Há

uma inquietação quase generalizada sobre o que se quer ou se deve ser, em consonância ao que se vive na cultura e ordem social. Em pesquisa realizada por Perico (2010) a territorialidade associada à identidade, reconhece esse ente social como gerador de pertencimento. Quando o mesmo se percebe fazendo parte do que se vive em seu espaço, interage e produz concreta e subjetivamente. Bandeira (1999) completa que identidade “é condição essencial para que um determinado território possa (...) ser denominado de região”. (p.31). Considerando as inquietações citadas podem ‘rolar’ em questionamentos nas cabeças dos jovens, será se nós mesmos nos percebemos pertencentes aos nossos lugares e que mais ainda, vivenciamos a participação social territorial como atores para o desenvolvimento desta sociedade?

Parte da nossa sociedade pode pensar que os jovens não seriam capazes de tal reflexo ou muito menos de respondê-la. Outro dado a considerar Margulis e Urresti (1996 apud ESTEVES e ABRAMOVAY, 2004)) ratificam o contexto político, econômico e social, atribuindo à juventude a estética na relação com os comportamentos e consumo, como mercadorias, mas para os autores as diferentes juventudes não são, tão somente, “estados de espírito”. É, isto sim, uma realidade palpável que tem sexo, idade, fases, anseios etc., entronizada em um período de tempo cuja duração não permanente, mas transitória e passível de modificações. Assim, como estratégia maior do desenvolvimento do lugar, das pessoas, para o jovem brasileiro, ainda torna esta reflexão ainda mais complexa, considerando este pertencimento à coletividade, quando focos são dados as suas relações específicas familiares. Fala-se aqui do espaço urbano, pois observa-se como este que acontece de forma mais explícita toda a condição de vida capitalista neoliberal, arraigada da herança cultural que temos de escravidão e extermínios indígenas, que de forma camuflada se vivencia em nossos dias e que os direitos humanos sobre as vivências dos direitos universais, sofrem para possibilitar a liberdade de ser o que se quer e não sob as imposições de um ordem econômica que preconiza a desigualdade e a exclusão.

É neste sentido que homogeneizar normativamente em categorias e ciclos desenvolvimentistas se faz tão complexo pela interação e multi-influências sociais, imaginemos os jovens que são evocados a atuação direta neste mundo, somente compreendida se contextualizada na possibilidade de existência de múltiplas juventudes, que fora da família, abrange universos para além das relações pessoais diretas, um somatório de dados políticos, econômicos e históricos, no mal-estar social, inquietações

contemporâneas e conflitos todos sobre responsabilidade, sustentabilidade e transformação da realidade sobre as injustiças e desigualdades humanas.

Discutido Juventude: O que é? Quem é?

A partir do atual modelo de sociedade que foi construído em bases excludentes, numa visão de mundo utilitarista que ‘suga’ as condições naturais à exaustão, não sendo diferente com as pessoas, em especial, com os jovens, que até pouco tempo na história não se eram equiparados nem a categoria de ‘seres humanos’, gente. O assunto se atualiza em revistas, periódicos e divulgações em publicações, curso de especializações sobre juventude pelas diversidades, pluralidade de ideias, níveis de consciência, responsabilidade que a juventude pode vivenciar principalmente no que se refere a sua importância social.

Reconhecendo que as políticas públicas, especialmente aquelas voltadas para a juventude, apresentam-se frágeis e insipientes, que escasseiam de meios necessários para viabilizar aos jovens a transformação da realidade atual, dificulta a tomada de consciência por parte dos jovens para uma nova cultura de organização protagonista, possibilitando e reconhecendo os modos de vidas da juventude nas comunidades locais. Os posicionamentos teóricos pesquisadores apontam para um evidenciar potencialidades e estimulação ao empoderamento e intervenção reflexiva. Segundo Perico (2010), trata-se de uma visão integradora de espaços, atores sociais, mercados e políticas de intervenção pública com a “perspectiva de se obter geração de riquezas com rendas sociais e equidade redistributiva, respeito à diversidade, solidariedade, justiça social e inclusão socioeconômica e política”. (p.28).

Ratificando a posição de que são os jovens que vivem mais intensamente as mazelas da vida contemporânea, de acordo com Waiselfisz, Julio Jacobo em Mapa da Violência de 2011: Os Jovens do Brasil (Brasília, Ministério da Justiça, Instituto Sangari, 2011) a violência continua a ter como principal ator e vítima a nossa juventude, sendo que duas em cada três mortes se originam numa violência (homicídio, suicídio ou acidente de transporte). No Relatório recente da Organização Mundial da Saúde destaca que, anualmente, morrem quase 400.000 jovens de menos de 25 anos de idade vítimas de acidentes de trânsito, outros tornam-se incapacitados.

Segundo Brasil/DATASUS (2010), concorda dados referente as causas das violências, pois reflete os aspectos da econômica, social, cultural e demográfica, mas para além de uma lógica de mercado, pensar políticas públicas que dêem conta não só de incluir a juventude mercado de trabalho, mas na diminuição dos índices de casos os homicídios entre jovens.

No relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância UNICEF sobre A Juventude o jovem no Brasil, cerca de 7,9 milhões – vivem em situação de pobreza e que 19,1 meninos e meninas em cada grupo de 100 mil pessoas morreram vítimas de homicídio em 2009, o que equivale a 11 assassinatos por dia. O negro tem 3,7 vezes mais risco de ser assassinado em comparação com adolescentes brancos. A mesma lógica se aplica entre adolescentes indígenas em casos de analfabetismo: as chances são três vezes maiores do que a dos adolescentes em geral. As distorções por gênero também merecem atenção, de acordo com o Unicef. Existem 10 casos de meninas infectadas por HIV para cada 8 de meninos. São os meninos, contudo, que apresentam a maior taxa de analfabetismo: 68,4%. E a vulnerabilidade segue.

Algumas Articulações e Considerações sobre a Juventude e a Identidade

O mesmo modelo de sociedade que valoriza e estimula ao `novo`, é o mesmo que exclui e violenta. As políticas públicas não dão conta do potencial da juventude fazendo os próprios jovens que são os atores sociais a difícil caminhada da sua própria história. Aos nostálgicos da juventude implicam e intrincam as percepções para a eterna juventude, mas a tentativa de normatizar é através mais uma vez do consumo, agora de cosméticos, de alimentação, de música, de carros, enfim, da representação que a cultura consumista impõe que representa ser jovem como valor agregado de felicidade. Outra percepção do que é ser jovem pode ser sinônimo de incapacidade, irresponsabilidade, ou ainda para um outro modelo adulto é de juventude plena e resistência a idade. Porém, a idade biofisiológica não deve expressar a idade cronológica. Na nossa cultura é insulto ser chamado de velho e elogio dizer que aparenta ser mais novo.

Porém, segundo a pesquisa já citada pela fonte: Pesquisa Juventude, juventudes: o que une e o que separa (UNESCO, 2004) por mais que os jovens se definam através da moda, isto constitui toda uma geração

Por ser efêmera, a moda tem de se submeter a uma constante mudança, cujo resultado é a construção de “identidades frágeis”. Por conta disso, a suscetibilidade à moda seria maior entre os jovens, face à sua dependência da aparência física, ou seja, da vestimenta, do corpo e do penteado, além das predileções musicais e dos seus códigos verbais. Sua ênfase nesses aspectos seria inversamente proporcional ao que eles ainda não alcançaram no meio social, tais como o desempenho profissional, científico, artístico e econômico, o emprego, a constituição de família etc., situações estas mais identificadas com a vida adulta (p,11).

Mas a moda aqui perpassa um discurso que pode ser traduzido sobre os extremos da legitimidade ao da exclusão, quando: por conta disso, requer o manejo de bens e habilidades, num contexto onde possuir apenas recursos econômicos não é o bastante. Estar na moda implica, portanto, em responder ao “apetite de legitimidade”. O jovem se dar conta que sendo moda torna-se marionete do sistema, e percebe a complexidade de tudo o que o envolve. Muitas vezes quando o mesmo parece alienar-se, entorpecesse, fugir, é quando pois dos conflitos, pressões e contradições desafiadoras, frente a um contexto social que não acolhe. Por isso recorrer ao próprio jovem para dizer de si, sobre sua própria percepção, quebra mais uma vez o que a sociedade de consumo internaliza na sugestão sobre juventude.

Em mais dados sobre sua percepção Esteves e Abramovay (2004), constatam que a família ainda trás um dado não existe só insatisfação, mas satisfação, assim acompanhada da Família 43% Saúde 26% Emprego 8% Estudo 7% Amigos 4% Maneira como se diverte 4% Relação amorosa 3% Situação do país 2% Governo 1% (Fonte: Pesquisa “Juventude, juventudes: o que une e o que separa”, UNESCO, 2004), apontando muito mais para dados subjetivos do que externos aos jovens.

Considerações

Para saber da juventude é necessário refazer todos os passos caminhados da construção dos ideários sociais de cada tempo histórico, mas em especial, da percepção

do próprio jovem sobre si mesmo, que mesmo sendo espelho do contexto social, político, econômico, este reflexo abrange o dado da variável complexa: subjetividade.

O jovem tem se mostrado para além do corpo e plasticidade dos desejos estéticos adultos em seus comportamentos, mesmo que de forma codificada, demonstram sim suas inquietações em formas de contestações diversas, impulsionando sutilmente uma nova percepção, uma organização livre de fortalecimento destes jovens e a melhoria de vida dos mesmos, no minimizar de conflitos existenciais e transformações sociais.

Além da tomada de consciência dos jovens como atores sociais, dar espaço para que o mesmo se desenvolva percebendo como sua história pessoal, familiar e social auxilia na sua construção identitária, mas principalmente, como suas representações instituídas a partir de sua percepção de si e do mundo, podem proporcioná-los vivências e toda uma transformação de uma geração de cidadãos com o sentimento de respeito à diversidade, solidariedade, justiça social e inclusão socioeconômica e política, intervindo na solução dos problemas sociais, na perspectiva de reconhecer-se pertencente e fazedor de sua própria história.

Referências

ARIÈS, P. A História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: CBIA, 1990.

BRASIL, Secretaria Executiva do Ministério Da Saúde. SIM/DATASUS (Sistema de Informações sobre a Mortalidade/Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde). Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/catalogo/sim.htm>>. Acesso em 10 mar. 2010.

BANDEIRA, Pedro. Texto para discussão Participação: Articulação de Atores Sociais e Desenvolvimento Regional. No. 630, Brasília, 1999.

CASTRO, Lúcia Rabello de Participação Política e Juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. *Revista de sociologia e política* (2008) V. 16, Nº 30: 253-268 JUN.

CALLIGARIS, C. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000.

COIMBRA, C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. (2005). Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 57, n. 1,(pp. 2-11).

CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery e KOLLER, Sílvia Helena. Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas; (2002) Koller org. - Rio de Janeiro. Conselho Federal de Psicologia.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil e ABRAMOVAY, Miriam. VI congresso português em sociologia mundos sociais saberes e praticas, (2008) Área temática: Identidades, Valores e Modos de Vida. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas.

IBGE. Censo Demográfico 2000 - Resultados do universo. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 out. (2002).

PERICO, Rafael Echeverri. Identidade e território no Brasil. Disponível em: <http://www.iica.org.br/Docs/Publicacoes/PublicacoesIICA/IdentidadeTerritorioBrasil.pdf> Acesso em: 02 Dez. (2010).

SOUSA, J. (2006) Apresentação do Dossiê: A sociedade vista pelas gerações. *Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política*, Florianópolis: v. 5 n. 8. (pp. 9-30).

UNESCO. Brasília, DF: UNESCO-Brasil, 2004, 44 p.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência (2011). Os Jovens do Brasil. Brasília, Ministério da Justiça, Instituto Sangari, 2011.